

As consequências políticas da peregrinação de Alexandre Magno ao oásis de Siva.

The political consequences of Alexander's peregrination to the Oasis of Siva.

Danilo Correa Bernardino¹
Universidade de Brasília

Resumo: Este artigo pretende analisar as consequências políticas da peregrinação de Alexandre ao oráculo de deus Amon, no ano de 331 a.C. durante sua passagem pelo Egito, logo antes de sua final vitória contra o império de Dario. Para tanto, decidiu-se dividir a análise em três momentos distintos. No primeiro, evidenciam-se os antecedentes da peregrinação e a situação política em que Alexandre chegou ao Egito. Em seguida, aprofunda-se na descrição dos eventos da peregrinação e os detalhes do encontro entre Alexandre e o sacerdote do deus Amon, mediante a contraposição entre as fontes disponíveis. Por último, debate-se acerca das consequências que tal encontro trouxe para

¹ Mestrando do programa de pós-graduação em História da Universidade de Brasília.
E-mail: Danilobernardino20@gmail.com

o prosseguimento da expedição de Alexandre Magno.

Palavras-chave: Alexandre; Império Persa; Oráculo de Siva; Amon-Zeus; Exército Macedônio.

Abstract: The present article intends to analyze the political consequences of the Alexander's peregrination to the oracle of god Amon, in 331 b.C., during his stay in Egypt. To do so, this article is divided in three distinct moments. Firstly, the antecedents of the peregrination are described and analyzed. After that, according to the differences found in the ancient sources it is debated the narrative of the peregrination itself and the details of the meeting between Alexander and Amon's priest. Finally, the consequences that the peregrination brought to the rest of the Alexander's expedition are analyzed.

Key-words: Alexander; Persian Empire; Siva's Oracle; Amon-Zeus; Macedonian Army.

1. Antecedentes da peregrinação.

Alexandre iniciou seu reinado no ano de 336 a.C., após a morte prematura² de seu pai, Filipe II da Macedônia. Ao suceder Filipe, Alexandre, não apenas, herdou a posição hegemônica arquitetada por seu pai no mundo grego, como também seu plano de investir contra o poderoso

² Filipe foi assassinado, durante um festejo, por um macedônio chamado Pausânias. A motivação do assassinato permanece, até hoje, obscura.

Império persa, mediante a chamada Liga de Corinto³, criada pelo próprio Filipe.

Dando início a esse projeto, Alexandre, na posição de *hegemon*⁴ dos gregos, desembarcou na Ásia no ano de 334 a.C., e teve um início promissor, vencendo as primeiras duas batalhas decisivas contra os persas. Primeiro, Alexandre venceu no Granico, onde a cavalaria macedônica teve um papel importante, destruindo a cavalaria persa. Em seguida, Alexandre venceu em Isso, e, mais uma vez, a cavalaria teve um papel fundamental, obrigando o próprio Dario a fugir do campo de batalha (MOSSÉ, 2004, p.29).

Após a batalha de Isso, Alexandre encontrou forte resistência na importante cidade de Tiro. Segundo Plutarco, foi necessário sete meses de cerco para Alexandre conseguir conquistar a cidade (Plu. Alex. 24). Na sequência, Alexandre conquistou a cidade de Gaza, maior cidade da região, e se encaminhou para o Egito.

A passagem de Alexandre pelo Egito, durante a campanha contra o Império persa, é fundamental para se entender a trajetória do rei macedônio. Isso porque, no Egito pode-se extrair pistas importantes acerca das ambições do rei macedônio, além de se

observar o momento no qual Alexandre teve confirmado seu status divino, em sua visita ao oásis de Siva.

O rei macedônio alcançou Memphis, em 331 a.C.. Em sua chegada, as tropas foram recebidas sem resistência militar, dado que Micazes, sátrapa⁵ persa no Egito, teria se impressionado de tal forma com as recentes vitórias de Alexandre, que optou por não mobilizar nenhuma resistência contra os macedônios (Arr. An. 3. 1). Ao contrário, Micazes os recebeu bem, com presentes e uma quantia de oitocentos talentos (GREEN, 2013, p. 269).

Alexandre foi recebido como libertador pelos egípcios, que desde que foram anexados ao Império persa no século VI, por Cambises II, não cessaram de se rebelar contra o domínio persa. Isto pois, a dominação persa na região foi marcada por grande instabilidade e desrespeito aos costumes e crenças locais, com a destruição de templos e a execução do touro sagrado, Ápis, por exemplo (GREEN, 2010, p.268). Nesse sentido, Quinto Cúrcio relata que os egípcios consideravam ser governados pela soberba e a avareza dos persas⁶ (Curt. 4. 6).

³ Liga militar grega, criada por Filipe, da qual Esparta não participou.

⁴ Título atribuído a um líder grego responsável por comandar uma expedição militar.

⁵ Título concedido aos administradores das províncias do império persa, que estavam diretamente subordinados ao Grande Rei.

⁶ Diodoro reforça a informação de Quinto Curcio e atesta que os persas destruíram os templos egípcios durante o tempo de dominação persa no Egito (D.S. 17.49).

Esse histórico turbulento somado à forma respeitosa como Alexandre tratou os costumes egípcios⁷, tornaram a figura do rei popular aos olhos dos nativos. Como exemplo, anos depois da visita do rei macedônio, lendas sobre a origem divina de Alexandre começaram a aparecer no Egito, inclusive, criando uma ascendência egípcia para o rei dos macedônios. Em uma delas, Alexandre seria o filho de Nactanebo, último faraó nativo do Egito, que, em vida, teria se transformado em serpente e fecundado a mãe de Alexandre, Olímpia (BEVAN, 1968, p. 3). Essa imagem positiva de Alexandre no Egito ainda foi instigada após a sua morte como instrumento de legitimação da dinastia Lágida, fundada por um dos generais de Alexandre, Ptolomeu, que mediante a emulação dos feitos e da imagem de Alexandre se estabeleceu como senhor do Egito.

Nesse momento, antes de analisar a peregrinação ao oráculo do deus Amon, é importante mencionar outro evento marcante na vida de Alexandre uma vez que revela questões importantes a respeito das pretensões do rei, a fundação de Alexandria. A Alexandria do Egito não foi a única cidade fundada por Alexandre, uma série de outras

“Alexandrias” foram criadas pelos territórios nos quais Alexandre adentrou. Segundo Walbank (1992, p.43), essas cidades eram fundadas apenas em lugares onde seria mais fácil manter os colonizadores, como áreas de fácil agricultura. Entre seus propósitos, serviriam para diversas funções, tais como guardar pontos estratégicos e supervisionar áreas maiores. No entanto, apesar do grande número de Alexandrias, a do Egito, sem dúvida, teve maior impacto. Séculos após a sua fundação, Diodoro relatou o grande desenvolvimento da cidade, argumentando que, em seu tempo, era o centro mais importante do mundo civilizado (D.S. 17.52). Efetivamente, durante a dinastia Lágida, a cidade gozou de grande efervescência cultural e intelectual, principalmente, sob o comando das três primeiras gerações de “Ptolomeus”⁸, que se notabilizaram pelo grande incentivo às artes, trazendo para Alexandria uma série de intelectuais das mais diversas áreas do conhecimento, como Euclides, na

⁷ No Egito, Alexandre, por exemplo, realizou sacrifícios ao touro sagrado de Ápis. Já os persas caracterizaram sua passagem pelo Egito pelo desrespeito às divindades egípcias.

⁸ Ptolomeu Sóter, general de Alexandre que se apossou do Egito após a morte do rei macedônio, fundou a biblioteca de Alexandria. Ptolomeu II, filho de Ptolomeu Sóter, adquiriu inúmeros rolos e papiros, missão que seu sucessor, Ptolomeu III, seguiu, sendo, por consequência, obrigado a construir uma biblioteca anexa a grande biblioteca de Alexandre para dar conta da quantidade de material atraído para a cidade (FLOWER, 2010, p.21).

matemática, e Maneton, na história (FLOWER, 2010, p.21).

A fundação da nova cidade teria sido vislumbrada por Alexandre em um sonho profético no qual um sábio ancião lhe teria dito a ideal localização para a construção da cidade (GREEN, 2013, p. 271). Tal empreendimento foi idealizada pelo rei para se tornar o novo grande porto do Mediterrâneo, sucedendo Tiro, conquistada antes da chegada ao Egito. Essa hipótese se fortalece a partir da escolha do local, ideal para a construção de uma cidade portuária. A Alexandria egípcia foi construída em uma faixa de terra entre o mar e o lago Mareótis, e, por isso, teria acesso fácil ao Nilo e ao Delta e também uma fonte permanente de água doce (FLOWER, 2010, p.13). Sob essa ótica, a edificação da nova cidade não se resumiria apenas a um posto avançado para seu exército, como comumente encontrado na historiografia sobre o tema (BEVAN, 1968, p. 4).

A concepção da Alexandria Egípcia como o novo grande porto mediterrâneo, assim como o tratamento respeitoso dado por Alexandre aos costumes egípcios, contrastam com o papel periférico que os persas relegaram à região. Logo, a forma como Alexandre tratou o Egito pode assinalar para o desejo do rei macedônio em dar um papel especial à região em seu novo império, que teria

novos polos, diferentes daqueles do império persa e do próprio reino da Macedônia. A nova Alexandria, nesse contexto, seria parte constitutiva desse processo, sendo um dos centros dessa nova monarquia. Essa análise vai ao encontro da tese desenvolvida por Fredricksmeier na qual Alexandre, durante sua campanha à Ásia, esteve preocupado com a fundação de um novo império, que se diferenciasse tanto do Império persa, quanto do reino macedônio. Nesse sentido, a fundação de uma nova monarquia exigia, entre novos símbolos e costumes, também novos centros de poder que a identificassem. É nesse contexto que a construção de Alexandria deve ser entendida, como um elemento revelador de quão grande era a ambição do jovem rei da Macedônia, ambição que ia além dos objetivos da Liga de Corinto.

2. Peregrinação ao oráculo do deus Amon.

Após a fundação de Alexandria⁹, Alexandre deu início a um dos capítulos mais controversos e importantes de sua trajetória: a peregrinação ao oráculo do deus

⁹ As principais fontes sobre a expedição de Alexandre à Ásia divergem à respeito do momento da peregrinação ao oráculo. Arriano e Plutarco localizam a peregrinação após a fundação de Alexandria (Arr. An. 3.3; Plu. Alex. 26). Já Diodoro e Quinto Cúrcio relatam a peregrinação ao oráculo de Amon como anterior a fundação de Alexandria (D.S. 17.52; Curt. 4.8).

Amon, no distrito de Siva. Esse momento marca, para Alexandre, uma mudança na representação de si mesmo. Isso porque, o rei dos macedônios atestava sua condição divina, o que, claro, trouxe consequências, como problemas em sua relação com o exército, visíveis ao longo de toda a expedição.

Pode-se destacar dois motivos para a decisão de ir ao oráculo. O primeiro motivo deveu-se ao hábito de Alexandre de consultar oráculos antes de cada grande conquista. Como exemplo, Alexandre recorreu ao oráculo de Delfos antes de partir para a Ásia Menor (GREEN, 2013, p. 272). Dessa vez, Alexandre preparava-se para a batalha, que seria a definitiva, contra o Grande Rei Dario, na planície de Gaugamela. Além disso, outro motivo para atravessar o deserto em direção ao oráculo de Siva, sendo este talvez o mais importante, se reserva à fama adquirida pelo oráculo de Amon no mundo grego. Os atenienses, por exemplo, visitaram o mesmo oráculo, durante a Guerra do Peloponeso, buscando por presságios. Na mitologia grega, ainda, Perseu visitou o oráculo enviado por Polidecto, rei mitológico da ilha de Sérifo. Hércules, também, visitou Siva quando buscava por Anteu¹⁰, figura mitológica que perdia

¹⁰ Hércules matou Anteu ao tirar a criatura do contato com o solo e esmagando-o suspenso no ar.

sua força ao perder contato com o solo (Arr. An. 3. 3). Assim sendo, Arriano afirma que a visita ao oráculo de Siva nada mais representa do que uma tentativa de Alexandre em se igualar aos seus “rivais”, assim como fez ao desembarcar em Tróia, no início da expedição. Arriano usa o termo grego φιλοτιμια para se referir o gesto de Alexandre em relação a Perseu e Hércules, que corresponde em português a uma ambição (desejo) (Arr. An. 3.3). Pode-se enxergar disso uma corrida de Alexandre para estar ao lado de figuras divinas, pois a visita ao oráculo, rivalizando (φιλοτιμια) com dois heróis gregos, seria um passo que Alexandre deveria cumprir para atestar sua divindade.

O oráculo do deus egípcio Amon, visto pelos gregos e por Alexandre como a representação egípcia do deus grego Zeus¹¹, localizava-se aproximadamente a 482 quilômetros de Memphis e era cercado pelo duro e escaldante deserto líbio (GREEN, 2013, p. 272). Plutarco relata a dificuldade de se atravessar o deserto, apontando dois perigos principais: primeiro, a falta de água que poderia acometer quem empreendesse tal jornada; segundo,

¹¹ Segundo Walbank (1992, p.33), para gregos e macedônios era uma prática comum identificar nos deuses estrangeiros os seus próprios deuses. Tal tradição de relacionar Amon com Zeus, por exemplo, é observada nos trabalhos do poeta tebano, Píndaro, que, inclusive, fez um hino a Amon, intitulado “Amon, rei do Olimpo”.

um forte vento vindo do sul, que teria, por exemplo, surpreendido Cambises, anos antes (Plu. Alex. 26). Mas apesar do deserto que o cercava, Arriano relata que o distrito de Siva era repleto de oliveiras e tamareiras. Além disso, contava com inúmeras nascentes que de dia forneciam água gelada e de noite água morna e, ainda, um terreno rico em sais medicinais¹² (Arr. An. 3. 3). Corroborando com a descrição de Arriano, Quinto Cúrcio relata que o local tinha uma vegetação abundante ao ponto de poucos raios de sol conseguirem penetrar, além disso o distrito de Siva era repleto de fontes que jorravam água doce, nutrindo a vegetação (Curt. 4.7).

Decidido a enfrentar o duro deserto, Alexandre deixou seu exército e partiu com um pequeno grupo em direção ao oráculo de Siva. Após quatro dias de viagem e sem água e suprimentos, o grupo, liderado por Alexandre, teria sido salvo por uma incomum tempestade que os abasteceu com água e deixou o ar mais respirável, permitindo o prosseguimento da peregrinação (Arr. An. 3.2; Plu. Alex. 27). Além disso, Ptolomeu¹³ relatou que após uma

tempestade de areia, *Klamsin* (GREEN, 2013, p. 274), Alexandre teria perdido o caminho para o oráculo. No entanto, duas serpentes teriam se comunicado com o rei e guiado o grupo ao caminho correto. Na versão de Quinto Cúrcio (4.7), baseado em Aristóbulo, ao invés de duas serpentes, na verdade, dois corvos, que voando à frente do grupo, teriam mostrado o caminho a seguir. Ainda sobre esse episódio, segundo Plutarco, Calistenes, ainda, acrescentou à essa versão dos corvos, que esses animais divinos chamariam pelo nome aqueles que ficavam para trás (Plu. Alex. 27). Essas histórias fantásticas encontradas nas fontes que permeiam o caminho de Alexandre ao Oráculo de Siva parecem legitimar a figura divina de Alexandre, uma vez que todas nos levam a crer que as divindades guiaram e permitiram que Alexandre pudesse cumprir o seu dever de chegar ao famoso oráculo. Dessa forma, Alexandre parecia ter o direito divino de seguir os passos de Perseu e Hércules.

Após três semanas de viagem, Alexandre chegou ao distrito de Siva em fevereiro de 331 a.C.. Em sua chegada, o rei se encaminhou rapidamente ao oráculo, e foi sozinho, pois não foi admitido que ele levasse acompanhantes para a consulta (GREEN, 2013, p. 274). Segundo

¹² Esses sais eram usados pelos sacerdotes do templo para oferecer de presente e realizar sacrifícios (Arr. An. 3.3)

¹³ General de Alexandre que se tornou o senhor do Egito após a morte de Alexandre. Apesar da costureira sobriedade que se atribui aos relatos de Ptolomeu, não se sabe se de fato ele

participou do grupo que acompanhou Alexandre ao oráculo de Siva.

Plutarco¹⁴ (Alex. 27), Alexandre indagou ao oráculo se todos os assassinos de Filipe haviam sido castigados e se o deus lhe concederia o poder de tornar-se senhor de todos os homens. O oráculo respondeu dizendo que lhe concederia o poder sob os homens e que sim, Filipe havia sido vingado. Além disso, o oráculo, ainda, teria saudado Alexandre como filho de Zeus. Ainda segundo Plutarco, o rei teria gostado de ter ouvido do oráculo tal afirmação e a história de que o rei da Macedônia era filho de Zeus se espalhou. Entretanto, Plutarco (Alex. 27) alerta para uma possível confusão do oráculo ao pronunciar o grego antigo. O oráculo, nessa versão, teria trocado um sigma, “σ”, por um ni, “ν”, e, assim, ao invés de ter dito em grego *paidion* (παιδιον), que no vocativo significa “meu filho” (“filhinho”), teria dito *paidios* (παιδιος), filho de Zeus, que se dá pela junção de ὁ παῖς, no nominativo, com του Διός, no genitivo, ou seja, filho de Zeus.

Além da versão de Plutarco que aponta para uma não intenção do oráculo de chamar Alexandre de filho de Zeus, há, também, a versão divergente de Arriano que vê a possibilidade de o oráculo ter, de fato, chamado Alexandre de *paidios*. Arriano afirma que “[...]ele [Alexandre] recebeu a resposta que seu coração desejava[...]” (καὶ ἀκοθσας ὅσα αὐτῷ

¹⁴ Historiador e biógrafo grego.

πρὸς θυμοῦ ἦν) (Arr. An. 3.4). Logo, essa resposta seria de que ele teria origem divina, tendo em vista que, o próprio Arriano chama a atenção para o fato de Alexandre ter ido a Siva “rivalizar” com Perseu e Hércules, numa tentativa de atestar sua divindade. Além de Arriano, Quinto Cúrcio também relata que o oráculo de Amon teria, de fato, aceitado Alexandre como filho de Zeus, o chamando de filho. Segundo Quinto Cúrcio, Alexandre, em seguida, teria autorizado ser chamado de filho de Zeus.

Essas versões de Arriano e de Quinto Cúrcio não parecem de forma alguma absurdas se pensarmos que o filho da rainha Olímpia, naquele momento, estava na posição prática¹⁵ de senhor do Egito e era dono do exército mais poderoso do mundo. Logo, agradar Alexandre poderia ser apenas um reflexo de autoproteção por parte do oráculo.

Na historiografia contemporânea, o encontro de Alexandre com o oráculo do deus Amon é visto por diferentes perspectivas. Green entende que as respostas dadas a Alexandre pelo oráculo foram mantidas em segredo na época e sempre serão problemáticas.

¹⁵ Para Green, Alexandre chegou a ser de fato coroado faraó assim que chegou ao Egito (GREEN, 2013, p.272). Já Mossé afirma que não se sabe ao certo se Alexandre foi de fato coroado faraó, mas que em todo caso, Alexandre teria adotado parte da titulação tradicional (MOSSÉ, 2004, p.31).

Alexandre teria se correspondido com sua mãe após o encontro com o oráculo, e dito que revelaria, apenas a ela, certos segredos a ele confiados pelo oráculo quando retornasse. Haja visto que Alexandre não chegou a ver Olímpia novamente, tais segredos permanecem obscuros (GREEN, 2013, p.274). Lane Fox (2004, p. 521), também, ressalta que Alexandre nunca revelou o que perguntou e o que ouviu, de fato, dentro do templo, e vai além. Para o autor, as perguntas feitas por Alexandre que chegaram aos dias atuais teriam sido formuladas anos depois da morte do rei. Essas perguntas, segundo Lane Fox, revelariam, na verdade, como o exército via Alexandre, pois teriam sido criadas a partir do que os soldados imaginavam que seu rei teria perguntado. A pergunta sobre assenhorar-se e todos os homens, por exemplo, revelaria na verdade a visão imperialista e ambiciosa que esses indivíduos tinham do rei. Por outro lado, Mossé entende que essas perguntas teriam sido criadas com Alexandre ainda vivo. Segundo a autora, a pergunta sobre se Filipe havia sido vingado teria sido formulada com objetivos políticos pelo rei quando exigiu dos gregos honras divinas em 324 a.C. em Olímpia (MOSSÉ, 2004, p.83). Essa hipótese de Mossé demonstra o grande jogo de poder articulado por Alexandre, no qual

legitimar-se deus e vingador da morte de Filipe II parecia, claramente, muito vantajoso para solidificar e legitimar sua posição de líder tanto na Grécia, quanto no resto do império.

As perguntas e respostas entre o oráculo de Amon e o rei macedônio, como apontou Green, permanecerão problemáticas, dado que não há relatos confiáveis acerca do ocorrido. Isso se explica uma vez que as próprias fontes disponíveis sobre o evento empregam em seus relatos visões pessoais acerca da figura de Alexandre, legitimando, ou desmascarando o processo de deificação do rei macedônio. No entanto, ainda cabe refletir sobre o significado desse encontro e que consequências trouxe para o resto da expedição.

3. Consequências da peregrinação.

Alexandre, em vários momentos da expedição asiática, buscou igualar-se a deuses e heróis da mitologia grega. Além da peregrinação ao oráculo de Siva, pode-se identificar outros momentos nos quais essa mesma motivação é observada.

Primeiro, logo no início da expedição, Alexandre ao desembarcar na Ásia, decidiu justamente, chegar na mítica cidade de Troia. Assim, Alexandre, segundo Mossé,

rememorava Agamenon¹⁶, iniciando um novo empreendimento grego contra um inimigo comum, dessa vez os persas. Lá, Alexandre também fez honras a Aquiles, que seria seu ancestral por parte de mãe¹⁷ (MOSSÉ, 2004, p.29).

Outro momento no qual se observa a busca do divino pelo rei foi a decisão tomada por Alexandre de iniciar a arriscada e difícil campanha à Índia. O difícil e complexo empreendimento também pode ser visto como mais uma tentativa de igualar-se a deuses e heróis, na medida em que Hércules e Dionísio¹⁸ também passaram pela região, na mitologia grega (Arr. An. 5.2).

A partir desses dois exemplos, um no início e o outro no fim da expedição, se nota a necessidade de Alexandre de identificar-se com o divino durante toda sua jornada. A visita ao oráculo de Siva, nesse sentido, é um ponto fundamental, pois marca o momento no qual o rei dos

macedônios, de fato, conquistou, quase que de forma oficial, seu status divino. Afinal, ninguém melhor para atribuir tal condição do que o próprio oráculo do deus Amon-Zeus. Dessa forma, a visita ao oráculo significa o conforto à angústia de Alexandre em comprovar sua divindade.

Entretanto, a adoção por Alexandre dessa condição divina, conferida pelo oráculo, trouxe consequências ruins para a continuação da expedição. A principal dessas consequências foi a não aceitação pelo exército da deificação de Alexandre, o que acabou por gerar um gradual afastamento entre o rei e os seus comandados. Diversos eventos que deflagram a insatisfação do exército com o seu rei ao longo de toda a expedição podem ser evidenciados. Neste artigo serão citados três exemplos.

Primeiro, o assassinio de Clito por Alexandre. Clito era um dos generais mais proeminentes do exército de Alexandre, tendo servido seu pai, Filipe II. O evento ocorreu em um banquete na cidade de Macaranda, na província da Sogdiana, onde Clito acabara de ser proclamado Sátrapa. Durante o costumeiro excesso de álcool empregado nesses banquetes, Alexandre começou a se vangloriar de seus feitos (Curt. 8. 1). Em desacordo, Clito começou a discursar, acusando

¹⁶ Na Iliada, rei de Micenas e líder dos gregos contra os troianos.

¹⁷ A família de Olímpia do Épiro, os Eácidas, clamava ser descendente do herói grego Aquiles, “melhor dos aqueus”. Pela parte paterna, Alexandre seria descendente de Hércules e Zeus, visto que a dinastia dos reis macedônios, argeada, teria origem no rei Temenos de Argos, que seria filho de Hércules.

¹⁸ Na Índia, Alexandre chegou a uma cidade chamada Nise, que segundo os próprios locais teria sido fundada por Dionísio. Arriano aponta, nesse momento, para o desejo de Alexandre de se assenhorar da cidade fundada pelo deus e, em seguida, ir além do que Dionísio foi e conquistou (Arr. An. 5.2).

Alexandre, entre outras coisas¹⁹, de renegar Filipe como seu pai legítimo, ao se comportar como filho do deus Zeus-Amon (Arr. An. 4. 9). Em seguida, Alexandre, ensandecido de raiva, matou Clito com uma lança. O dramático evento em Macaranda deflagra uma situação de desgaste entre Alexandre e o seu exército, na qual a busca de Alexandre por feitos heroicos e sua condição de divino, alcançada em Siva, fazem parte.

Em seguida, houve a recusa de Calistenes, responsável pelo relato da expedição, em se ajoelhar diante do rei. Para os gregos, o ato da genuflexão era um gesto apenas oferecido à figuras divinas (GREEN, 2013, p.373). Já entre os persas, a genuflexão era um gesto natural diante de um indivíduo hierarquicamente superior. Apesar das diferenças culturais, Alexandre decidiu implantar em sua corte a *proskynesis*. Claro, entre os macedônios houve insatisfação, Calistenes destacou-se ao se negar ajoelhar-se diante de Alexandre em um banquete. Como consequência, o nome do sobrinho de Aristóteles apareceu na lista dos traidores na chamada “conspiração dos

pajens”²⁰, e Calistenes foi executado como conspirador. A recusa de Calistenes em prestar *proskynesis* a Alexandre é uma recusa de seu status divino, apesar da confirmação do oráculo. Dessa forma, pode-se supor que entre as fileiras do exército, muitos macedônios ainda não aceitavam essa condição divina tão buscada por Alexandre. Para eles, era um posto que Alexandre ainda não havia conquistado.

Por fim, temos o ocorrido em Opis, no ano de 324 a.C.. Ao chegar na cidade de Opis, no caminho de volta à Babilônia, Alexandre dispensou aqueles que não estavam aptos para o serviço militar. Insatisfeitos com a notícia, os macedônios se revoltaram contra Alexandre. Nesse momento, Arriano (An. 7.12) relata que durante a revolta, os macedônios zombaram de Alexandre e de seu pai divino, Zeus-Amon, dizendo que o rei deveria dispensar a todos e seguir caminho sozinho com seu “pai”. Nesse episódio, pode-se observar, mais uma vez, como o exército não aceitava plenamente a divinização do rei, atestada após a peregrinação ao distrito de Siva, chegando ao ponto de ridicularizar Alexandre por isso.

¹⁹ Clito criticou Alexandre pela adoção de hábitos e roupas orientais, assim como pela execução do general Parmênio, após um suposto envolvimento em uma conspiração, na qual seu filho, Filotas, também foi executado.

²⁰ Pajens eram os filhos da nobreza macedônica que cresciam na corte junto ao rei macedônio. A conspiração pretendia matar o rei Alexandre, mas sem êxito teve seus articuladores executados. A participação de Calistenes na conspiração jamais foi comprovada.

Concluindo, esses exemplos deflagram a insatisfação dos macedônios no tocante a divinização de Alexandre. A partir deles, pode-se observar que após o encontro de Alexandre com o Oráculo de Amon, a questão da paternidade divina do rei macedônio foi parte integrante nos episódios mais tensos na relação entre Alexandre e o seu exército, indicando uma séria aversão do macedônios em relação a esse processo de deificação de seu rei. Dessa forma, além da insatisfação pela adoção de vestimentas, como o *chiton*, e hábitos persas, como a *proskynesis*, o fator da divinização, consagrado no distrito de Siva, deve ser visto como mais um fator de distanciamento entre Alexandre e os macedônios.

Referências bibliográficas

Fontes:

BRUNT, P. A. (1976). *Arrian. Anabasis of Alexander*. Cambridge. MA. London. Harvard University Press.

SIMÕES, Júlia. (2004). *Plutarco. Alexandre e César: as vidas comparadas dos maiores guerreiros da antiguidade*. São Paulo. Ediouro.

ROLFE, John. (1946). *Quintus Curtius. History of Alexander*. Cambridge. MA. London. Harvard University Press.

WELLES, C. Bradford. (1963). *Diodorus Siculus. Library of History*. Cambridge. MA. London. Harvard University Press.

Bibliografia:

BEVAN, Edwyn. (1968). *The House of Ptolomy: a history of Egypt under the Ptolomaic dynasty*. Chicago. Ares.

BRIANT, Pierre. (2010). *Alexandre, o Grande*. Porto Alegre. RS. L&PM.

BUGH, Glenn. (2006). *The Cambridge Companion to the Hellenistic World*. Cambridge. Cambridge University Press.

CARNEY, Elizabeth. (1996). *Macedonians and Mutiny: Discipline and Indiscipline in the Army of Philip and Alexander*. *American Journal of Philology* 91, n.1, p. 19-44. The University of Chicago Press.

COLLINS, Andrew. (2012). *The Royal Costume and Insignia of Alexander the Great*. *American Journal of Philology* 133, n. 3, p. 371-402. The Johns Hopkins University Press.

DROYSEN, Johann. (2010). *Alexandre, o Grande*. Rio de Janeiro. Contraponto Editora.

FLOWER, Derek. (2010). *Biblioteca de Alexandria: As histórias da maior biblioteca da Antiguidade*. São Paulo. Nova Alexandria.

FREDRICKSMEYER, Ernst. (2000). *Alexander the Great and the Kingship of Asia*. In: BOSWORTH, Albert B., BAYNHAM, E. J. (org), *Alexander the Great in Fact and Fiction*. Oxford. Oxford University Press. p. 136-166.

FOX, Robin. (1973). *Alexander The Great*. Penguin Books.

GREEN, Peter. (2013). *Alexander of Macedon, 356-323 B.C.: A historical Biography*. California. University of California Press.

- GREEN, Peter. (2014). *Alexandre, o Grande, e o Período Helenístico*. Rio de Janeiro. Objetiva.
- KING, Carol. (2010). *Macedonian Kingship and Other Political Institutions*. In: ROISMAN, Joseph, WORTHINGTON, Ian (org), *A Companion to Ancient Macedon*. Blackwall Publishing Ltd. p. 372-391.
- MOSSÉ, Claude. (2004). *Alexandre, o Grande*. São Paulo. Estação Liberdade.
- MÜLLER, Sabine. (2010). *Philip II*. In: ROISMAN, Joseph, WORTHINGTON, Ian (org), *A Companion to Ancient Macedon*. Blackwall Publishing Ltd. p. 166-185.
- ROISMAN, Joseph. (2012). *Alexander's veterans and the early wars of the successors*. Austin. University of Texas Press.
- SAWADA, Noriko. (2010). *Social Customs and Institutions: Aspects of Macedonian Elite Society*. In: ROISMAN, Joseph, WORTHINGTON, Ian (org), *A Companion to Ancient Macedon*. Blackwall Publishing Ltd. p. 393-408.
- STROOTMAN, Rudolf. (2007). *The Hellenistic Royal Court. Court Culture, Ceremonial and Ideology in Greece, Egypt and the Near East 336-30 BCE*. Tese, PhD. Utrecht University.
- TARN, William. (1966). *The Greeks in Bactria and India*. Cambridge. Cambridge University Press.
- WALLBANK, Frank. (1981). *The Hellenistic World*. London. Fontana.